Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

ENTRE O PLURALISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: PERSPECTIVAS SOBRE UMA TEOLOGIA CRISTÃ DAS RELIGIÕES – UMA LEITURA EM JÜRGEN MOLTMANN

Victor Breno Farias Barrozo[1]

Resumo

O presente artigo propõe-se discutir panoramicamente sobre a problemática do diálogo inter-religioso, no contexto da situação pluralista das religiões na sociedade contemporânea, tomando como perspectiva contributiva à abordagem do teólogo alemão Jürgen Moltmann (1926). Para tanto, traçaremos panoramicamente o lugar, as perspectivas e as direções que constituem a chamada "teologia cristã das religiões" ou "teologia do pluralismo religioso". Em seguida, apresentaremos de uma forma em geral, como se está posta a discussão sobre os eixos e formas do diálogo inter-religioso na reflexão da teologia das religiões. E por fim, desenvolveremos alguns apontamentos a respeito de tal questão, a partir da leitura tópica dos livros *A Igreja no Poder do Espírito* (1975) e *Experiências de reflexão teológica* (1999), em busca de elementos introdutórios para uma sinalização do prisma protestante acerca do diálogo entre o cristianismo e as religiões no mundo atual.

Palavras-chave

Teologia Cristã das Religiões, Pluralismo, Diálogo Inter-Religioso, Jürgen Moltmann.

[1] Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Ciências Teológicas pela FBN. Membro da Red Latino Americana de Estudios Pentecostales (RELEP) e da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Coordenador Acadêmico do Seminário Teológico das Assembleias de Deus do Ceará. Bolsista CAPES. Email: victorbrenofb@gmail.com;

1 INTRODUÇÃO

Com a diminuição das distâncias geográficas e fronteiriças das religiões nas sociedades globalizadas, e, dos empreendimentos das missões modernas, o cristianismo foi conduzido, irremediavelmente, ao encontro com as diferentes tradições religiosas por todo o mundo. Esse encontro favoreceu, de um lado, o desenvolvimento de uma nova consciência dos valores espirituais e humanos dessas religiões e, de outro, uma perturbação por parte de grupos fundamentalistas que, vendo essa situação como ameaça, acentuaram toda sorte de discriminações, conflitos e segregações para com outras tradições religiosas. Não apenas isso, mas a crise planetária ao qual o mundo se encontra interroga a respeito das “responsabilidades” que as religiões possuem diante dos problemas éticos e ecológicos.

No complexo destes fatos, emergiu desde a segunda metade do século XX o interesse teológico pela reflexão da natureza e relações do pluralismo religioso para com, em particular, a fé cristã. O interesse teológico pelas religiões nasce justamente dessa nova situação que se estabelece entre cristianismo e o pluralismo religioso nas sociedades modernas e os problemas globais. Diante disso, formulou-se, ao longo de dos anos, uma nova área de estudos a este respeito: a *teologia do pluralismo religioso*, também chamada de *teologia cristã das religiões*, ou simplesmente, *teologia das religiões*. Tal reflexão, surge no a partir dos desdobramentos do Concílio Vaticano II, no contexto católico, e a partir da Teologia Liberal, no contexto protestante, onde, em ambos, houve uma maior abertura do cristianismo para com as questões postas pelo mundo moderno.

Na América Latina, todavia, a temática do pluralismo religioso no âmbito da reflexão teológica tem sido articulada, majoritariamente, por pensadores católicos ligados a uma vertente mais progressista desta tradição, comumente ligados a Teologia da Libertação. Muito embora a teologia protestante no âmbito internacional seja fecunda e prodiga no que diz respeito a este assunto, no continente latino-americano, as teologias e igrejas protestantes ou evangélicas parecem não haver tematizado-a de maneira satisfatória. No Brasil em particular, se percebe um número ainda reduzido de livros, artigos, pesquisa e eventos sobre a teologia das religiões no espaço da teologia protestante nacional.

Em função de sua herança histórica – do fundamentalismo evangélico norte-americano – e dos processos deflagrados pela modernidade, o protestantismo brasileiro, em suas várias vertentes, no que concerne à sua relação com outras tradições religiosas, é marcado pela *oposição* e *depreciação*. Dessa forma, precisamos partir do reconhecimento da complexidade que envolve um projeto teológico desta envergadura para a reflexão evangélica latino-americana e brasileira. De uma forma em geral, existe neste meio uma carência da problematização do tema. Esta é gerada entre outros, por um lado, pelo desconhecimento parcial do campo de produção e, por outro, pelas limitações da eclesiologia brasileira marcada, em certos círculos, pela concorrência mercadológica da oferta religiosa e o bairrismo segmentário das comunidades, o que dificulta qualquer tipo de aproximação ecumênica das religiões.

Face à eclosão dos conflitos de natureza político-religiosa em escala global e local, a teologia das religiões vai se firmando não apenas como uma discussão adjacente, mas, como ponderação crítica da fé fundamental sobre o lugar e relação do cristianismo com as religiões no mundo atual. Nesse debate, uma temática central é àquela relacionada ao *diálogo inter-religioso*. Em vista a esta questão, algumas questões de contextualização se colocam: Qual o lugar o pluralismo religioso no labor teológico contemporâneo? Que paradigmas essa reflexão esta têm gerado como posturas teóricas? Quais modelos ecumênicos de diálogo inter-religioso têm sido pontuados de uma forma em geral?

Diante de tais interrogações, uma outra, a nosso propósito, surge: haveria alguma especificidade *protestante* no que concerne a este diálogo inter-religioso? Considerando a interrogação anterior, queremos no presente artigo propor a contribuição do teólogo protestante Jürgen Moltmann a respeito do assunto. Neste contexto, Moltmann destaca-se na articulação do tema não apenas de maneira teórica, mas em sua trajetória de vida pessoal. Teria Moltmann a contribuir para uma teologia cristã das religiões em perspectiva protestante? Como Moltmann, enquanto teólogo protestante, pensa a relação do cristianismo e as religiões e pode nos fornecer diretrizes para o diálogo inter-religioso? Posto isso, nosso objetivo no presente artigo é explanar ao leitor protestante recém-ingresso à discussão, um breve mapa do percurso de desenvolvimento da teologia cristã das religiões, de uma forma em geral, e em particular, a contribuição protestante ao tema a partir de leituras tópicas do pensamento moltmoriano.

2 PARADIGMAS DA REFLEXÃO TEOLÓGICA SOBRE O PLURALISMO RELIGIOSO E A QUESTÃO DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Ao longo dos séculos, o cristianismo assumiu algumas posições básicas em relação a as religiões não-cristãs e, muito embora esses posicionamentos reflitam dado momento de desenvolvimento histórico, eles podem ser encontrados ainda hoje dependendo da perspectiva teológica das igrejas ou confissões. Na tentativa de sistematizar essas perspectivas a teologia das religiões ao se colocar a problemática do pluralismo religioso no bojo da reflexão cristã distingue teoricamente distinguida três paradigmas: *Exclusivismo Eclesiocêntrico*, *Inclusivismo Cristocêntrico*, *Pluralismo Teocêntrico*.

O primeiro deles é o *Exclusivismo Eclesiocêntrico.* Essa posição afirma a exclusividade da religião cristã como caminho para a salvação humana. Segundo Dupuis, a proposição "*Extra ecclesiam nulla salus"*, foi tomada como assertiva pelos representantes institucionais da Igreja Católica Romana.[2] Sanchez remonta que essa posição "se originou nos primeiros séculos da era cristã, com Orígenes, Cipriano e Agostinho, foi definida pelo IV Concílio de Latrão (1215) e reafirmada pelo Concílio de Florença".[3] A Igreja Católica Romana rejeitava qualquer tipo de revelação do sagrado fora do universo da cristandade e mais especificadamente da igreja institucional. No caso protestante, seguindo os princípios *sola fide* (só a fé), *sola gratia* (só a graça), *sola scriptura* (só a escritura), ela adquire uma forma não eclesiocêntrica. A posição protestante apresentou um avanço em relação ao eclesiocentrismo católico oferecendo as bases para o ecumenismo e para a elaboração de outro paradigma, o inclusivismo.

O segundo paradigma é o *Inclusivismo Cristocêntrico.* Nesse modelo já não é a igreja que está no centro, mais Cristo. Há meio século se apresenta como um avanço sobre a reflexão. Neste modelo a verdade da salvação ainda se encontra totalmente na religião cristã, muito embora, as outras tradições possuam elementos da verdade divina,

[2] DUPUIS, Jacques. O cristianismo e as religiões: do desencontro ao encontro, p. 19.
[3] SANCHEZ, Wagner Lopes. Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual, p. 68.

os chamados valores implicitamente cristãos[4]. Está posição abriu caminho no mundo teológico com o Concílio Vaticano II. Destacam-se aqui a teoria do cumprimento, na qual o cristianismo é o "acabamento" das outras religiões, e, a teoria dos cristãos anônimos, desenvolvida pelo teólogo Karl Rahner, segundo o qual a autocomunicação de Deus se estende aos indivíduos além dos alcances da igreja gerando nestes uma vida baseada nos valores de Cristo, quer saibam disso ou não. Colaborou para o ecumenismo e propôs uma reflexão mais séria do que a anterior a respeito do pluralismo religioso.

O terceiro paradigma é o *Pluralismo Teocêntrico*. Sugerida como um novo paradigma na teologia do pluralismo religioso, o pluralismo teocêntrico afirma que todas as religiões participam da salvação de Deus e possuem autonomia salvífica, pois, o que está no centro não é mais apenas uma religião, mas sim o próprio Deus[5]. John Hick é o nome do principal representante desta escola, desafiando a teologia a uma "revolução copernicana" e a se desenvolver "um novo mapa" do universo da fé[6]. Neste posicionamento reivindica-se uma *igualdade básica das religiões*[7], que é diferente de querê-las todas iguais. São equivalentes no sentido de que estão num mesmo plano salvífico de Deus aos homens em suas particulares captações histórico-culturais da manifestação do transcendente. Sem abandonar o específico da fé cristã, Jesus Cristo, esse modelo quer ser um avanço diante dos anteriores paradigmas. Sanchez diz que "a posição do pluralismo nasce do esforço de tantos teólogos de construir um referencial teórico que, num mundo com grande diversidade religiosa, possibilite um diálogo sincero do cristianismo com outras religiões.[8]

Ambos os paradigmas se apresentam como perspectivas distintas, mas que, colocam de maneiras diferentes a questão do pluralismo religioso. Para os dois últimos paradigmas – inclusivismo e pluralismo – decorrentes do reconhecimento desta pluralidade, surge a realidade e necessidade do *diálogo inter-religioso*. O diálogo inter-religioso vem a ser uma das temáticas centrais do desdobramento teórico e prático da

[4] PANASIEWICZ, Roberlei. Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré, p. 136.
[5] VIGIL, José Maria. Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006, p. 64.
[6] VIGIL, José Maria. Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006, p. 85.
[7] Ibidem, 2006, p.86.
[8] SANCHEZ, Wagner Lopes. Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual, p. 74.

percepção teológica a respeito do pluralismo religioso. Sendo assim, cabe nos perguntarmos como a Teologia Cristã das Religiões, de uma forma em geral, compreende esse diálogo e quais são os eixos, formas e meios pelos quais ele se realiza.

Segundo Sanchez, três pressupostos trazidos pela modernidade apontam para a necessidade de existência do diálogo inter-religioso: a ruptura do monopólio religioso, a pluralização de cosmovisões e a relativização das certezas[9]. Dada à impossibilidade de se descartar tais fatos, o diálogo inter-religioso constitui-se numa atitude fundamental de afirmação religiosa de relevância e convivência social. O diálogo inter-religioso quer ser esse esforço de aproximação entre as diversas religiões, tanto no nível do discurso, como no nível das práticas, promovendo a convivência pacífica e a promoção da vida humana. Teixeira resume isso bem quando diz que:

> O diálogo autêntico traduz um encontro de interlocutores pontuado pela dinâmica da alteridade, do intercâmbio e da reciprocidade. É no processo dialogal que os interlocutores vivem e celebram o reconhecimento de sua individualidade e liberdade, estando ao mesmo tempo disponibilizados pelo enriquecimento da alteridade[10].

Para Queiruga só há real diálogo quanto todos se predispõem a aprender mutuamente. Significa que a autocompreensão cristã pode ser revista e ampliada em função deste encontro com as religiões. Isso não pressupõe a negação da revelação de Deus em Cristo, mas sim que, considera que o mistério de Deus ultrapassa qualquer experiência que queira-o circunscreve-lo. Dessa forma, "a experiência cristã *não é possessão dos cristãos;* é *dom* que emerge num ponto da comunidade religiosa humana e que a toda ela é intrinsicamente destinado. Deus continua sendo o único Senhor de todos e para todos"[11]. O autor afirma que:

> O diálogo entre as religiões é *decidida* e *sinceramente real*, pois enlaça com essa busca a partir de dentro de cada uma. Então desaparece o espírito de competividade para exercita-se somente o de acolhida e oferecimento. A inquietude da busca deixa descoberto a necessidade de *compreendê-los em si mesmos.* Por sua parte a experiência prazerosa e positiva do que é próprio impele

[9] Ibidem,, p. 59.
[10] TEIXEIRA, Faustino. ZWINGLIO Mota Dias. Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível, p.124.
[11] QUEIRUGA, André Torres. O diálogo das religiões. 1997, p. 64.

> ao oferecimento gratuito. Em ambos os casos se está na justa atitude religiosa: Deus, sempre maior e perenemente diante de nós; e todos, buscando-o como o Uno comum e, por isso, ajudando-nos mutuamente[12].

Ainda segundo o autor, a teologia precisa estar consciente da precariedade histórica que é própria a cada etapa ou forma do cristianismo, não sobre "o *em si* absoluto da comunicação de Deus" mas, "o precário e relativo *para nós* da recepção". Portanto, a abertura e diálogo com a multifonia da manifestação de Deus nas outras religiões colocar-se-ia como um "convite" para "corrigir defeitos e também a descobrir novas riquezas em Deus que a inevitável estreiteza da própria tradição não permitia ver"[13]. Alguns destes testemunhos são descritos por Teixeira, onde faz menção dos relatos de Henri Le Saux[14] com o Hinduísmo, Louis Massignon[15] com o Islã e Thomas Merton[16] com o Budismo. Assim, a identidade genuinamente cristã é forjada no diálogo.

3 O CRISTIANISMO E AS RELIGIÕES: UMA LEITURA DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO EM JÜRGEN MOLTMANN

[12] Ibidem, p. 61-62.
[13] Ibidem, p. 64-65.
[14] O monge beneditino francês, Henri Le Saux (1910-1973), compartilha sua experiência cristã junto ao hinduísmo. Conta-se da experiência monástica dele na Índia por sua sede e busca do mistério absoluto. É um dos pioneiros no diálogo experiencial numa época apenas de teorização intelectual sobre o assunto. Cria na presença possível da igreja cristã na região mais dinâmica como uma típica característica tradição indiana. Uma dos principais feitos foi a criação do *Ashram de Shantivanam,* lugar de refúgio monástico. Registra em seu diário e em cartas sobre as angústias e as maravilhosas descobertas no mistério hindu.
[15] Louis Massignon (1883-1962) tem seu testemunho singular em relação com islamismo. Relata a experiência da hospitalidade junto aos muçulmanos depois de sua crise da conversão depois de ser aprisionado na Mesopotâmia. Depois de contatos com escritos e tradições árabes, torna-se bastante conhecido como professor e ativista social ligado a questões dos problemas do seu tempo. Gandhi e Foucault são grandes influências na sua vida. Toda sua visão foi configurada pelo mistério de um Deus hospitaleiro. Marcado por um "método interiorista" procura indicar que a tradição religiosa so pode ser conhecida a partir de dentro. Contribuiu para um mudança de perspectiva dentro do catolicismo em relação a religião islâmica.
[16] A vida de Thomas Merton (1915-1968) é marcada pela abertura e o diálogo para com o budismo. Cria que os contatos feitos com outras tradições religiosas o poderiam levar ao aprofundamento da experiência cristã. Levou a vida destacando a importância da vida contemplativa. Tornou-se uma das figuras mais impressionantes e influentes do catolicismo no século XX. Procura descobrir contribuições de outras tradições para a cultura monástica. Provocador e polêmico, consegue articular a experiência do Trapa com o budismo zen, também lutando contra o racismo e a não violência. Escreveu livros e diários em que compartilha suas descobertas e realizações.

Até este ponto temos apresentando de que formas o pluralismo religioso se coloca como um novo paradigma para a teologia e, a partir dessa, emerge a teologia cristã das religiões que, se interrogando pelas implicações desse pluralismo, entre outros desdobramentos, reflete sobre a necessidade do *diálogo inter-religioso*. Avançando na discussão, destacamos a seguinte pergunta: que contribuições o protestantismo evangélico pode oferecer ao debate sobre a teologia do pluralismo religioso? Com essa questão em vista, gostaríamos de sublinhar o pensamento do teólogo alemão Jürgen Moltmann como um aporte possível na busca de elementos introdutórios para uma sinalização do prisma protestante acerca do diálogo entre o cristianismo e as religiões no mundo atual.

No cenário teológico contemporâneo, o alemão Jürgen Moltmann têm se destacado como um dos mais profícuos expoentes do pensamento protestante, tendo, entre outras abordagens, trabalhado a questão do ecumenismo e do diálogo inter-religioso ao longo de suas obras e trajetória de vida. Em vista à nossa discussão do presente artigo, não nos deteremos no trato de uma reconstituição biográfica de sua história, ou, de uma análise de sua teologia, como se pode encontrar em outras referências especializadas[17]. Ao nosso propósito, desdobraremos algumas leituras e reflexões moltmorianas relacionadas ao diálogo inter-religioso a partir de leituras tópicas em dois de seus livros, a saber, *A Igreja no Poder do Espírito* (2013) e *Experiências de Reflexão Teológica* (2004).

4 A DIMENSÃO DA ECUMENICIDADE PARA UMA TEORIA DA IGREJA HOJE

Introdutoriamente é importante destacar que a questão do diálogo inter-religioso em Moltmann, inicia-se propriamente na discussão a respeito da natureza e missão da *Igreja*. Para o autor[18], uma teoria teológica a respeito da Igreja não pode ser uma declaração estática ou a-histórica, mas, sempre uma reflexão crítica que se orienta pelo esforço dinâmico de prestar contas diante do “fórum” Deus e do mundo, a respeito de sua

[17]BAUCKHAM, Richard. The Theology of Jürgen Moltmann. Bloomsbury T&T Clark: London, 1995; MONDIM, Battista. Os grandes teólogos do século XX. São Paulo: Editora Teológica, 2003; GIBELLINI, Rosino. A Teologia do Século XX. São Paulo. Loyola, 2002.; GRENZ, Stanley, OLSON, Roger. A Teologia do Século 20. São Paulo: Vida Nova, 2003.
[18] MOLTMANN, Jürgen. A igreja no poder do Espírito, 2013, p. 19.

missão, situação e objetivo de forma contextualizada. Sendo assim, esta é chamada a compreender sua natureza à luz da esperança do Reino que já veio e está a caminho, discernindo a missão divina na história universal e, ao mesmo tempo, discernir o mundo dentro da história de Deus.

O ponto de partida de uma "eclesiologia aberta", em que a Igreja coloca-se de maneira esperançosa aos homens e ao mundo, é a compreensão de que a cada tempo histórico e cultural, a comunidade de fé precisa repensar com clareza a respeito de sua natureza e fundamento. Como "Igreja de Jesus Cristo", a comunidade de fé necessita ser compreendida em bases cristológicas, no propósito messiânico do Reino de Deus, para encontrar sua genuína referencia teológica. Considerando estes fatos, Moltmann[19] aponta que existem pelo mais três impulsos que devem conduzir a reflexão eclesiológica de maneira renovada hoje, a saber: a igreja missionária, a igreja ecumênica e a igreja política. Nos deteremos, ao nosso propósito, no segundo impulso.

Para Moltmann, uma teoria eclesiológica necessita considerar a dimensão da "ecumenicidade" da Igreja. Segundo ele: "fazer teologia no contexto ecumênico não significa tornar-se abstrato, mas, na medida do possível, partir de diversas experiências da Igreja e transmiti-las produtivamente[20]". É justamente o reconhecimento teológico desse aspecto da natureza fundamental da Igreja que permite que ela migre de uma postura exclusivista e provincial para o diálogo e cooperação prática com as diversas comunidades cristãs, que, resulta de maneira explicita na unidade eclesiológica do Corpo de Cristo.

Moltmann indica que, o movimento ecumênico ao longo dos últimos anos, tem gerado novas realidades para as quais uma reflexão teológica que pense a Igreja hoje precisa considerar. Nesse "horizonte ecumênico", as igrejas cristãs vão perdendo seu caráter "provincial", ou seja, necessitam reconhecerem-se em outras Igrejas no mundo e se entenda como participantes e membros da unidade da Igreja de Cristo. O autor destaca que "o movimento ecumênico procura a unidade visível com as religiões burguesas e políticas de suas sociedades" [21]. Para tanto, há duas condições necessárias: primeiro, é preciso uma libertação que gere renovação interior para uma união das Igrejas

[19] Ibidem, p. 22-39.
[20] Ibidem, p.15
[21] MOLTMANN, Jürgen. A igreja no poder do Espírito, 2013, p. 31.

separadas; e segundo, sensibilidade diante da situação de crise planetária onde somente na comunhão ecumênica o cristianismo poderá testemunhar ao mundo a paz de Deus.

Inseridas nesse horizonte ecumênico, uma teoria da Igreja não pode servir como "doutrina de diferenciação" entre outros grupos, mas, deve tornar-se uma "teologia da cooperação" onde há uma busca daquilo que se há de comum. Assim, uma Igreja que seja "cristologicamente fundamentada" e "escatologicamente orientada" poderá superar um negativismo em relação a outros grupos cristãos. Para Moltmann, esse caminho desencadeia três afirmações: a passagem da segregação para o diálogo; do diálogo para a cooperação na prática; e da cooperação poderá surgir uma comunhão conciliar em torno da Igreja Una. Justamente esta noção ecumênica da Igreja leva a "compreensão inclusiva da Igreja Única de Cristo que se torna, na esperança pelo Reino de Deus que está vindo, uma força crítica e libertadora na história[22]".

4 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO HORIZONTE DA ESPERANÇA MESSIÂNICA DO REINO DE DEUS

Em Moltmann[23], a relação do cristianismo com as religiões se descreve no quadro mais amplo da esperança messiânica do Reino de Deus, desenvolvida e projetada pela esperança de Israel. Compreendendo uma real escatologia como *escatologia relacional*[24] ele destacará que a "Igreja do Reino de Deus" deve se perguntar pela esperança de tudo e todos, inclusive, a "esperança das religiões"; e sendo a escatologia cristã uma "escatologia do Reino", é preciso igualmente ser uma "escatologia das religiões". Com isso, Moltmann quer justamente pensar a radicalidade e extensionalidade da esperança cristã no Reino que, em última instância, se colocará como fundamento e escopo da relação entre cristianismo e as religiões.

[22] Ibidem, p. 34-35
[23] Ibidem, p. 181.
[24] "A esperança do evangelho tem uma *relação* polêmica e libertadora não só para com as religiões e ideologias dos seres humanos, mas, sobretudo, para com a vida real e prática dos seres humanos e as circunstancias em que se leva esta vida. (...) a justiça e a paz do reino prometido são conceitos *relativos* e se referem também as *relações* dos seres humanos entre si e para com o mundo". (Grifo nosso) MOLTMANN. Jürgen. Teologia da Esperança. 2005, p. 410.

Disso, o autor parte da elucidação a respeito de uma nova conjuntura global marcada pelos conflitos de ameaça geral, fruto de um processo de aproximação das culturas e religiões, gerado por um mundo partilhado por todos. Diante disso, o diálogo não pode ser realizado de forma arbitrária ou fatalista, mas, segundo ele, somente "por atitudes e avaliações fundamentadas na promessa peculiar feita à cristandade e que visam o futuro universal da humanidade no Reino de Deus". Esse diálogo deve se dá entre "as religiões universais". Por "religiões universais", ele explica, não se deve entendê-las sob a acepção de "grandes e sobreregionais" religiões tidas como "elevadas" (budismo, hinduísmo, confucionismo, islã e cristianismo), mas como religiões marcadas por um perfil de comprometimento com a extensionalidade da responsabilidade ética e ecológica no mundo atual, inclusive, para o cristianismo.

Em face deste cenário, Moltmann[25] se questionará sobre qual seria a tarefa do cristianismo diante as religiões universais. Para tanto, ele argumentará que existem duas metas possíveis e necessárias da missão cristã: uma *quantitativa* e outra *qualitativa*. A *missão quantitativa* seria propriamente aquela relacionada ao convite da fé, batismo, implantação de igrejas e uma nova vida em Cristo que se expande geograficamente e numericamente. A *missão qualitativa* refere-se na "transformação qualitativa da atmosfera vital, da confiança, do sentir, pensar e agir", uma forma de "contaminação" da esperança, do amor e responsabilidade na sociedade. Nesta atual conjuntura, Moltmann incita que "na nova situação global em que se encontram todas as religiões e na nova situação em que se encontra o cristianismo em particular, a missão qualitativa para a transformação de toda atmosfera vital deveria ocorrer de forma consciente e responsável"[26].

> No diálogo, religiões, inclusive o cristianismo, se transformam, assim como mudam em conversas privadas as opiniões, posturas e perspectivas dos parceiros. O diálogo das religiões universais é um processo para o qual podemos nos abrir somente se nos tornarmos vulneráveis na abertura e quando saímos dele transformados. Não se perderá a própria *identidade*, mas se ganhará diante do parceiro um novo *perfil*. As religiões universais sairão do diálogo com novos perfis. Podemos verbalizar como esperança dos cristãos que serão perfis voltados para o bem estar do ser humano que sobre e para seu futuro, para a vida e para a paz[27].

[25] Ibidem, p. 203.
[26] Ibidem, p. 204.
[27] MOLTMANN, Teologia da Esperança, p. 204.

Para que o diálogo seja um encontro que propicie abertura e mutabilidade é necessário que o cristianismo desconstrua certos preconceitos que existem com relação a outras religiões. Neste ponto da reflexão, Moltmann desferirá uma crítica às posturas *absolutistas, relativistas* e *sobrenaturais* que, estariam de alguma forma, relacionadas respectivamente aos paradigmas do *exclusivismo, pluralismo* e *inclusivismo*, trabalhados no tópico dois deste artigo. Primeiramente, a Igreja precisa passar de um "absolutismo exclusivo" que afirma que "fora da Igreja não há salvação"[28], para a compreensão de que "Fora de Cristo não há salvação" e de que, atém mesmo, não há Igreja fora da salvação em Cristo para todos os seres humanos. Dessa forma, "a Igreja já não é vista de forma absoluta, mas em sua relação com o reconciliador divino e com o ser humano reconciliado, independente da religião[29]".

Segundo, também é preciso escapar do autoengano do "pluralismo" que justamente propõe a prerrogativa de abstenção das verdades particulares sob a pretensão de se por numa posição superior e não histórica das "tolerâncias produtivas". De acordo com Moltmann, "o relativismo religioso parece apenas disfarçar um novo absolutismo, se é que ele mesmo não se comporta de modo absolutista[30]". Para além deste entendimento, deve-se acentuar a dimensão da *relacionalidade*, onde as religiões se tornam relativas na medida em que nutrem uma postura relacional de relações vivas com outras vidas e grupos. "Em relações vivas não se torna 'tudo' de valor igual e com isto indiferente, mas uma coisa se torna para a outra extremamente significativa[31]", afirma Moltmann. Terceiro, é preciso ultrapassar a ideia de que as outras religiões são "naturais" e apenas o cristianismo "sobrenatural", com a perspectiva de que a Igreja deve abolir as outras religiões e operar o "acabamento" na *inclusão* dentro de si. Nesse modelo há uma "abertura sincrética para os fragmentos de verdade em outras religiões. No entanto, justamente em sua abertura sincretista, a religião cristã deve superar todas as outras religiões e se comprovar assim como 'religião absoluta[32].

[28] Trecho do Concílio de Florença em 1442.
[29] MOLTMANN. A Igreja no Poder do Espírito, p. 206.
[30] Ibidem, p. 210.
[31] MOLTMANN. A Igreja no Poder do Espírito, p. 210.
[32] Ibidem, p. 211.

Diante dessas críticas, Moltmann[33] irá propor o “modelo do catalisador crítico” que refere-se, justamente, ao posicionamento do cristianismo de abdicar da pretensão do absolutismo e da pressuposição da reivindicação das integrações. Nesse modelo, o autor indica a “contaminação indireta” da “simples presença de cristãos” em outros ambientes e religiões que geram efeitos transformadores na medida em que “vivem, pensam e agem diferentemente”. Sendo assim, a relação do cristianismo com as outras religiões deve se dar justamente por estes “efeitos catalizadores da fé cristã” que afeta e influencia a cultura e sociedade a partir da conduta de vida genuinamente evangélica (do evangelho). Para Moltmann, tais modelos anteriormente descritos comportam um problema substancial que é o fato de serem modelos que não surgem do/no diálogo, mas, partem do “monólogo cristão” sobre as religiões. Por esta razão é preciso buscar um “perfil dialogal do cristianismo”, não precedente, mas na própria relação.

Postas tais questões, nosso autor se ocupará propriamente de delinear os *perfis de diálogo* entre o cristianismo e as religiões. Nessa vida dialogal que está em seus inícios “tenros e tímidos” é mais importante formular os “primeiros passos” do que tencionar “metas abrangentes”. Nesse projeto, busca-se passar dos “diálogos bilaterais”, passando pelos “diálogos multilaterais” até uma “comunhão universal das religiões”, marcada por tensões é certo, mas aproximada em função de uma sociedade universal. Disso Moltmann afirma que “o próprio diálogo transforma as atmosferas vitais das religiões, separadas entre si e frequentemente agressivas umas contra as outras, e cria condições para uma comunhão que possibilita participação mútua, intercâmbio e enriquecimento mútuo”[34].

Nesta realidade, a devido a impasses históricos em torno do termo *missão,* este deve ser reconsiderado e reutilizado quando considera: 1) o respeito pelas missões de caráter distinto realizadas por outras religiões, 2) no diálogo, não querem apenas oferecer mas, receber algo também, 3) uma clareza de identidade que reconhece sua incompletude e comunhão com os outros e 4) possuir um interesse genuíno que busca uma necessidade criadora com outras religiões. Posto isso, além dos *perfis do diálogo* é preciso atentar para os *níveis do diálogo* como “pontos de partida” que somente no

[33] Ibidem, p. 211-212.
[34] Ibidem, p.213.

próprio diálogo podem ser estabelecidos, e não pela determinação de uma "teologia científica" sobre outras religiões. Ou seja, tais níveis de aproximação para o diálogo são importantes porque o "diálogo não é um fim em si mesmo" mas, "o próprio diálogo é esperança", visto que, em última instância, o diálogo se sustenta no próprio caráter de Deus. Disso Moltmann afirma:

> Para o cristianismo, os diálogos e as relações com outras religiões não são um meio para algum fim, mas têm sentido em si mesmo com uma expressão de sua vida no amor. (...) No diálogo com pessoas de outras crenças, os cristãos não podem testemunhar em sua conduta um Deus imutável, apático e agressivo. Ao dar amor e mostrar interesse pelos outros, eles se tornam também abertos para o Outro e vulneráveis para o que lhes é estranho. São capazes de suportar a alteridade dos outros sem ficarem inseguros e sem se endurecerem. É correto realizar o diálogo não segundo regras superficiais de comunicação, mas entrar nele a partir da profundidade da compreensão de Deus[35].

Tal diálogo se dá principalmente, entre outras coisas, em torno do problema do *sofrimento das pessoas*, visto que é uma das constantes centrais das religiões e um dos problemas nevrálgicos do mundo moderno. Por essa razão, o diálogo deve se abrir para a prática da esperança entre uma humanidade sofredora. Ainda, esse diálogo em torno do sofrimento humano precisa se estender além das religiões: para o contexto público. Para Moltmann é necessário que o "diálogo inter-religioso seja ampliado pelo diálogo com as ideologia do mundo" em função da vida de todos que sofrem e morrem no mundo de hoje. Desse modo, quando as religiões universais reconhecem seu "lugar social do diálogo" deve haver clareza quanto ao fato de que "o diálogo é um sinal de esperança para o povo somente quanto é realizado no interesse de sua vida e libertação"[36].

Como desfecho de suas argumentações, Moltmann dirá que, tendo o cristianismo a vocação particular de prepara o tempo messiânico da redenção entre os povos, ele não poderá reprimir nenhuma religião, mas então, acolhe-las e transforma-las carismaticamente no poder do Espírito, orientando-as na direção da esperança do Reino. O diálogo entre as religiões, que se da no quadro mais amplo da libertação pelo Reino e na busca por um mundo mais justo e pacífico, deve "preencher com esperança" as "possibilidades e forças" presentes em outras religiões. Sendo assim, Moltmann arremata

[35] MOLTMANN. A Igreja no Poder do Espírito, p.214-215.
[36] Ibidem, p.216.

com uma indicação: “o perfil do diálogo do cristianismo deveria estar voltado para o futuro do Reino que liberta e redime *nas* possibilidades e forças das religiões universais. Este é um perfil que a cristandade pode ganhar somente *no* diálogo”.

5 CAMINHOS E PERFIS PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO CRISTIANISMO

Em seu livro, *Experiências de reflexão teológica* (2004), onde articula sua trajetória de vida com o desenvolvimento de seu pensamento teológico, Moltmann ao se propor uma abordagem sobre a “existência teológica” hoje, pontua a questão do ser um teólogo cristão em um mundo marcado pela “secularidade de uma sociedade multirreligiosa”. Implica que o labor teológico contemporâneo seja “teologia no diálogo inter-religioso”. Dessa forma, o autor trará uma série de considerações a respeito do *diálogo* entre o cristianismo e as religiões.

Numa sociedade secular e plurirreligiosa é preciso que os teólogos cristãos situados no esforço do diálogo inter-religioso observem quatro competências. Primeiro, é necessário que estes sejam “capazes de dialogar”. *Dialogar* seria a possibilidade do reconhecimento mútuo, que ouve e fala uns com os outros; seria a maneira apropriada para se fundamentar o encontro e a convivência de diversas tradições religiosas no mundo moderno. Essa disposição implica interesse pela outra religião, abertura para a percepção de mundo distinto das outras religiões e uma intenção de busca pela convivência. O autor chega a afirma que “todo teólogo cristão formado deveria poder dizer com que outra religião ele se ocupou de modo intensivo”[37].

Segundo, é preciso que haja *dignidade para o diálogo*. Essa dignidade se sustenta no conhecimento consistente e radicado do teólogo em sua própria religião e, somente a partir dessa autoconsciência, ir ao diálogo. Moltmann afirma que “somente domiciliado na sua própria religião” se está apto para o encontro com outra tradição religiosa. Ainda: “quem cai no relativismo da sociedade multicultural pode até estar capacitado para o diálogo, mas não possui a dignidade para o diálogo”[38]. Sendo assim, a diálogo pressupõe “convicção” de sua própria fé e não com “modernos relativizadores”.

[37] MOLTMANN, Jürgen. Experiências de reflexão teológica, 2004, p. 28.
[38] Ibidem, p. 29.

Terceiro, é necessário um *perfil dialógico*. No diálogo entre as religiões surge a possibilidade de se obter uma maior percepção e clareza a respeito do que é próprio em cada tradição religiosa. No encontro com o diferente, os traços e contorno que definem cada religião se tornam expressivos, viabilizando um (re)conhecimento mais profundo de sua fé. Comumente, o olhar do outro possibilita um discernimento mais específico sobre si mesmo. Por isso, quanto melhor for estabelecido o diálogo, tanto melhor se dará o reconhecimento entre ambos. O diálogo torna-se sério quanto "necessário". Este diálogo é tanto quanto necessário, quanto dele se dependa para a resolução de problemas que ameaçam a vida humana e a paz.

Tal diálogo deve ter como centro "a pergunta pela verdade", mesmo que "não seja possível chegar a um consenso com relação a ela". Dessa forma, cada interlocutor desse diálogo necessita trazer a si próprio com a verdade de sua religião. O objetivo do diálogo não é o consenso, mas o encontro sobre o que "concerne incondicionalmente" as pessoas e, e neste caminho se realiza parte do alvo que é a convivência em meio as "diferenças intransponíveis". Por essa razão, todos, e não apenas os especialistas, devem se colocar ao diálogo. Disso Moltmann propõe o que vem a ser o escopo desse diálogo: "o objetivo do diálogo inter-religioso não é uma religião unitária nem a metamorfose e o acolhimento das religiões na oferta pluralista de serviços de uma sociedade de consumo religiosa, mas a 'diversidade reconciliada', a diferença suportada e produtivamente conformada[39]".

Em quarto lugar, é necessário distinguir dois níveis de diálogo: um *diálogo direto* e um *diálogo indireto*. O *diálogo direto* se refere propriamente ao diálogo entre as "religiões mundiais" e ultrapassando as fronteiras étnicas e culturais, ocorrem por todo o globo. Para Moltmann, esse diálogo trata da "confrontação e do cortejo das diferentes concepções religiosas acerca da transcendência e da salvação, da compreensão do ser humano e da natureza[40]". Essa aproximação, segundo o autor, se dá sobre uma autocompreensão clara a respeito de quatro temas teológicos fundamentais do cristianismo, a saber: a visão da trindade de Deus, a teologia da cruz, a sua doutrina da salvação e sua escatologia. Nessa perspectiva, as "religiões do livro" estão mais aptas que as "religiões naturais" a debates lógicos e verbais.

[39] Ibidem, p. 29.
[40] Ibidem, p. 30.

Por outro lado, o *diálogo indireto* é aquele realizado em torno de um "terceiro assunto", para além da discussão mesmo sobre as ideias religiosas de cada grupo em diálogo, e sim, sobre os problemas sociais (em nível local) e as questões ecológicas (em nível mundial), ou seja, sobre o reconhecimento e proposta de caminhos para a superação das crises letais que afligem o mundo hoje. Esse diálogo pergunta sobre as possíveis forças destruidoras que possam haver nas religiões, bem como o potencial transformador que estas possuem na busca por um "ethos mundial" para a "paz mundial". Nesse caso, as "religiões naturais", com sua sabedoria social e ecológica acumulada no período pré-industrial, podem oferecer pistas sobre a formação de uma nova definição de "religião mundial": àquela que promove e ratificam a sobrevivência da humanidade como um conjunto orgânico com a "Terra".

Uma última questão interessante abordada por Moltmann é o fato de que o diálogo inter-religioso só é uma realidade possível em condições conjunturais oferecidas pelo Estado. Segundo ele, o Estado é responsável por garantir, 1) a separação formal entre Estado e Religião, 2) a proteção para prática e liberdade religiosa individual e 3) ordem social comum para todas os grupos religiosos em isonomia. Dessa forma, o Estado secular, mantendo a neutralidade com relação as religiões, por um lado, deve não permitir que direitos humanos e cidadania sejam violados em nome de valores religiosos e, por outro lado, garanta a liberdade de ingressar ou deixar uma comunidade religiosa. Postas estas questões, nas palavras do autor: "quem quiser tomar parte no diálogo das religiões e ser levado a sério nele, deve respeitar essas condições conjunturais oferecidas pelo Estado. As religiões estão subordinadas ao direito humano à liberdade religiosa[41]".

CONCLUSÕES EM DIÁLOGO

Ao longo do presente texto, buscou-se fornecer uma visão panorâmica da teologia cristã das religiões e, particularmente, nos pontuarmos a partir de leituras tópicas a contribuição do teólogo Jürgen Moltmann para a questão do diálogo inter-religioso. A reflexão sobre o tema e a autor, naturalmente, exigem aprofundamentos para além do que este breve artigo pode apresentar. Entretanto, em forma de uma *conclusão em*

[41] Ibidem, p. 31.

diálogo nos perguntamos: que interpelações a teologia cristã das religiões de Moltmann provoca sobre a igreja evangélica brasileira? Dentre as várias e possíveis contribuições, sublinha-se esta: Moltmann convida ao protestantismo evangélico brasileiro sair do absolutismo de sua posição hegemônica no campo religioso e, em função do senso teológico da unidade eclesiológica do Corpo de Cristo, e, dos conflitos que marcam o cenário contemporâneo, abrir-se para o diálogo com outras religiões na busca não apenas de uma partilha das experiências espirituais, mas, principalmente, no engajamento pela transformação social, para a paz e bem estar humanos, na esperança messiânica do Reino de Deus.

Em um recente debate ecumênico realizado durante a *Jornada Ecumênica* em Munique, na Alemanha, em 2010, Moltmann, em diálogo com teólogo católico Hans Küng, entre variadas temáticas discutidas, sublinha que o ecumenismo "não é a composição das situações de fato das Igrejas atuais. Ecumenismo quer dizer: comunhão a partir da renovação das Igrejas, em nome de Jesus Cristo". Evocando a oração de Jesus em João 17:21, Moltmann destaca que aqui temos uma expressão profunda para o ecumenismo: o fato de que já somos um em Cristo, por isso, ecumenismo é aquilo que "no fim, cresce junto àquilo que pertence todos". Nisso, ele estende o convite desafiante do ecumênico a todos, e ao protestantismo brasileiro, dizendo: "antes vem à experiência, depois a teoria!" e explica, "primeiro vem o comer e o beber, e só depois se fica à mesa para discutir – na presença viva do Cristo – as diferenças, para resolver as próprias controvérsias".

REFERÊNCIAS

BAUCKHAM, Richard. **The Theology of Jürgen Moltmann**. Bloomsbury T&T Clark: London, 1995

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

GIBELLINI, Rosino. A Teologia do Século XX. São Paulo. Loyola, 2002.

GRENZ, Stanley, OLSON, Roger. A Teologia do Século 20. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. **A Igreja na Força do Espírito:** uma contribuição à eclesiologia messiânica. Santo André: Academia Cristã, 2013.

_____. **Experiências de reflexão teológica:** caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MONDIM, Battista. Os grandes teólogos do século XX. São Paulo: Editora Teológica, 2003;

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo**: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo: Paulinas, 2007.

RIBEIRO, Cláudio. **Pluralismo e religiões: bases ecumênicas para uma teologia das religiões.** Estudos de Religião, v. 26, n. 42, 209-237, jan./jun. 2012.

RIBEIRO, Cláudio. **Religiões e paz: Perspectivas teológicas para uma aproximação ecumênica das religiões**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 917-936, jul./set. 2012.

RODRIGUES, Adriani. **O diálogo das religiões mundiais em Jürgen Moltmann: uma teologia não-relativista das religiões.** Revista Caminhando, v.14, n.1, p.23-34, jan.jun, 2009.

SANCHEZ, Wagner. **Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. **Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso.** São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. **Teologia das religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1995.

TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**: **a arte do possível**. Aparecida: Editora Santuário, 2007.

VIGIL, José Maria. **Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo.** São Paulo: Paulus, 2006.